

Estudos de linguística: a colocação dos pronomes pessoais na linguagem corrente¹

Manuel Said Ali

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021n61.528>

What is grammatically correct is what is accepted by the great body of those who speak a language, not what is laid down by the grammarian.

A. H. Sayce²

No estudo da colocação dos pronomes pessoais complementos em português os gramáticos têm gasto muita tinta e inutilizado muita pena, para nos convencerem afinal de contas de uma só verdade: podem dar as regras que quiserem, no Brasil não se colocam nem jamais se hão de colocar os pronomes do mesmo modo que em Portugal.

A meu ver, em vez de perderem o tempo a estabelecer essas duvidosas regras de que por fim vêm a zombar escritores nossos que nada ficam a dever aos melhores portugueses, mais avisados andariam os gramáticos, se se

-
- 1 [Nota do editor] Este artigo foi publicado originalmente em *Revista Brasileira*, t. I, n. 1-6, p. 301-311, 1895. Procedeu-se à atualização da ortografia e da pontuação para facilitar a leitura, respeitadas as preferências lexicais e gramaticais do autor.
 - 2 [Nota do editor] Archibald Henry Sayce (1845-1933), filólogo britânico, orientalista, professor da Universidade de Oxford. O extrato da epígrafe foi retirado de SAYCE, A. H. **Introduction to the science of language**. London: C. Kegan Paul & Co., v. II, 1880, p. 334, 1880.

contentassem com assinalar o fato da divergência como um dos traços que distinguem o falar brasileiro do falar lusitano.

Não sei como possam ser intransigentes, quando o fenômeno ainda está tão mal estudado, que os preceitos existentes se referem apenas alguns casos isolados. O mais interessante é que se é errôneo o nosso modo de empregar o pronome, mais errôneo ainda são várias das regras que se criaram para salvar o purismo. Filhas da fantasia ou de observação pouco escrupulosa fazem-nos encontrar na linguagem escrita do Brasil não só faltas contra aquele purismo estacionário mas até erros... de acordo com milhares de exemplos de clássicos portugueses. É um paradoxo: mas nas páginas seguintes verá o leitor que não há exagero na minha asserção.

Antes de entrar na análise do assunto, cumpre-me declarar que a questão da colocação dos pronomes foi também estudada pelo sempre chorado Batista Caetano³, pelo Dr. Paranhos da Silva⁴, pelo Sr. João Ribeiro⁵ e outros, em cujos trabalhos se nota mais largueza de vistas do que nos escritos dos gramáticos puristas⁶.

I

Há alguns anos, conversava eu com alguns dos nossos mais distintos professores sobre questões de ensino; tratávamos, se bem me lembro, dos

3 [Nota do editor] Batista Caetano de Almeida Nogueira (1826-1882), filólogo, poeta, jornalista e professor brasileiro, natural do Estado de Minas Gerais.

4 [Nota do editor] José Jorge Paranhos da Silva (1839-1895), filólogo, sociólogo e jurista brasileiro, natural do Rio de Janeiro.

5 (Nota do editor) João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860-1934), jornalista, filólogo, historiador e professor brasileiro, natural do Estado de Sergipe.

6 O Dr. Paranhos da Silva entende que não devemos usar, na escrita, de linguagem diferente da que *todos* falamos no Brasil: “de acordo com Whitney, diz elle, conformemo-nos com o gênio do nosso idioma, isto é, *a resultante das preferências da sociedade brasileira*”. O Sr. João Ribeiro, numa tese de concurso apresentada em 1886, observa: “Muita gente notará talvez como escandaloso o pouco caso em que tenho a conhecidíssima questão do purismo na colocação dos pronomes, na linguagem do Brasil”.

métodos mais racionais para o estudo das línguas. Eis que, de repente, um dos colegas acode com a esta observação: “Sabem? Descobri um erro de colocação de pronome em Antônio Vieira. Num dos seus sermões encontra-se a seguinte cincada: “nós lavamo-nos desta desgraça.”

Não pude atinar com o erro, porque (confesso-o francamente) desconhecia naquela época a sutil regra que ainda hoje figura em alguns compêndios. Pedi explicações. O meu colega respondeu: “Pois não sabe que o pronome se coloca antes do verbo quando vier claro o sujeito pronominal? De mais a mais, li há dias que, em se tratando de verbo pronominal com o sujeito claro, a próclise *sempre* ocorre *em todos os escritores célebres*”.

Eu, que até então julgava indiferente a colocação do pronome complemento, estando claro o pronome sujeito, agradei a lição e disse de mim para mim: sempre quero ver se também sou forte em descobrir...*cincadas*. Daquela data em diante sempre que lia um livro de bom escritor português, não me escapava um exemplo de ênclise que não marcasse. Com grande espanto meu, consegui reunir até hoje uma coleção tão notável, que o diretor da *Revista Brasileira* se recusa a publicá-la toda, ponderando que o não permitem os escassos limites do fascículo. Consente apenas que gema o prelo para a publicidade dos exemplos seguintes tanto de autores antigos como de modernos:

Eu ponho-me a pagar (G. Vicente, *Lusitania*); *Eu rio-me daquilo* (G. Vicente, *Os físicos*); *Vós tendes-me em dois ceitis* (G. Vicente, *Quem tem farelos...*); *Eu também...faço-me com ele um Hércules* (Antônio Ferreira, *Bristo*); *Eu conheço-a de menina* (Antônio Ferreira, *ib.*); *Eu vejo-me noite e dia aqui fechada* (*Romanceiro Geral*); *Eles chamam-me... marinelo* (Antonio Ferreira, *Bristo*); *Ele solicita-nos com sua graça* (Bernardes, *Luz e Calor*); *Vós... ensinai-me a viver* (D. Francisco M. de Melo, *Sonetos*); *Eles crucificaram-no, nós adoramo-lo* (Vieira, *Sermões*); *Vós tende-la por trabalhosa...Vós tende-la por cansada* (Vieira, *ib.*); *Mas nós lavamo-nos desta desgraça* (Vieira, *ib.*); *Elas foram-se pôr na cabeça* (Vieira, *ib.*); *Eu encaminhei-me sozinho para o Calpe* (Herculano, *Eurico*); *Porque eu voltava-me para o céu* (Herculano, *ib.*); *Eu amava-te muito* (Herculano, *ib.*); *Eu precipitei-me nele* (Herculano,

ib.); *Eu despenhei-me* (Herculano, *ib.*); *Nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe* (Herculano, *Monge de Cister*); *Eu encostei-me no pé do lar* (Herculano, *ib.*); *Vós...andais-me comido de pecados* (Herculano, *ib.*); *Tu vai-te com Alá* (Herculano, *ib.*); *Eu esquecer-me-ia de tudo* (Herculano, *ib.*); *Vós esquecestes-vos disso* (Herculano, *Lendas e Narrativas*) *Ele e eu rimo-nos da simplicidade dos remendões* (Rebello da Silva, *Mocidade de D. João V*); *Vossa paternidade e eu enganamo-nos um com o outro* (R. da Silva, *ib.*); *Eu deito-me a perder com este parasita* (R. da Silva, *ib.*); *Eu inclino-me a crê-lo* (C. Castelo Branco, *Boêmia do Espírito*); *Eu...volto-me para o verdugo* (C. Castelo Branco, *ib.*); *Nós acercamo-nos de José de Ramata* (Eça de Queiroz, *Relíquia*); *Ela ergueu-se de um salto* (Eça de Queiroz, *Crime do Padre Amaro*).

Isto dispensa comentários, tanto mais quanto a célebre regra foi inserida apenas de quatro ou cinco exemplos respingados aqui e acolá! Mas não falemos em semelhante assunto; que essas cócegas na pituitária dos dogmáticos fazem espirrar e então podem nos apresentar, por capricho, uma lista enorme de casos de próclise, a qual, quando muito, provará exatamente o nosso argumento, isto é, pode-se empregar um e outro modo. O leitor sensato, que até agora tem colocado indiferentemente o pronome, continue a proceder assim e não se incomode com as nossas de *gramatiquices*. Consulte o seu ouvido; se errar, errará com Herculano, Vieira, Castelo Branco etc. etc. Deus o livre de errar com os gramáticos puristas!

II

Achando se antes do verbo um advérbio ou locução adverbial, afirmam alguns não sei se diga ditadores que só é admissível a próclise. Já em 1871, o célebre José Feliciano de Castilho⁷ perdeu o seu latim e o seu robusto fôlego a enumerar-nos os advérbios que, na sua opinião, exigiam semelhante colocação

7 [Nota do editor] José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (1810-1879), escritor, jornalista e advogado português.

do pronome. Castilho discutia com os defensores de José de Alencar⁸, e infelizmente nas nossas lutas literárias e científicas dá-se às vezes o mesmo que nas lutas civis: em tempo de guerra mentira como terra. O preceito de Castilho não era a expressão da verdade e não devia ser generalizado⁹, enquanto se não provasse a sua exatidão para os casos particulares a que o polemista aludia. Não é a categoria da palavra que determina esta ou aquela colocação de pronome, mas sim o modo de pronunciar a frase. A prova é que com o mesmo advérbio se encontra ora a próclise, ora a ênclise.

Ainda mais, não é preciso empregar grande esforço para encontrar no português corrente numerosíssimos exemplos contra a imaginária regra. Apelemos para o seguinte: *D'uma janela do aposento descortinava-se a baía do Tejo* (Herculano, *Monge de Cister*); *Por fim veio-me uma boa ideia* (Herculano, *ib.*); *Ao cair das trevas guiaram-me para o aposento onde devia passar a noite* (Herculano, *ib.*); *Vasco, prosseguiu Fr. Lourenço, voltando-se para o seu companheiro...Depois encaminhou-se para a porta da alcova e disse: Irmã!* (Herculano, *ib.*); *Neste momento ouviu-se um suspiro que partia da alcova* (Herculano, *ib.*); *Agora pedimos-lhes¹⁰ cortesmente* (Herculano, *ib.*); *Então enganaram-me* (Herculano, *ib.*); *Então pareceu-me ouvir muito ao longe um choro sentido* (Herculano, *Eurico*); *Cá diz-se que é melhor sermos nós vassallos da coroa... lá faz-se valer o perigo, o sacrificio a que nos expomos* (Rebelo da Silva, *Mocidade de D. João V*); *Lá dizia-se que a criadora do mundo havia sido uma enorme e desmedida vaca* (C. Castelo Branco, *Boémia do Espírito*).

8 (Nota do editor] José Martiniano de Alencar (1829-1877), escritor e político brasileiro. Alencar foi duramente criticado por Castilho devido à colocação dos pronomes e a outros fatos gramaticais típicos do português brasileiro que o escritor português considerava desabonadores do bom vernáculo.

9 Essa generalização aparece englobadamente numa regra da *Gramática portuguesa* do Dr. Alfredo Gomes. Diz o autor que o pronome pessoal complemento coloca se antes do verbo “depois das palavras ou expressões condicionais dubitativas e circunstanciais de modo, tempo, quantidade e lugar”. É uma regra longa, confusa e errônea.

10 (Nota do editor] No original está “pedimo-lhes” por erro óbvio.

Bem se vê que é de todo impossível estabelecer regras exatas para colocação dos pronomes pessoais complementos, enquanto permanecer a questão no terreno em que até agora tem sido estudada. É evidente que não basta o fato de se achar a palavra A ou B antes do verbo para produzir a anteposição ou a posposição do pronome.

Deve entrar em linha de conta um outro fator muito importante. Para se obter a solução do problema é indispensável fazer o que até hoje não se fez: indagar quais as condições em que a mesma palavra A ou B se apresenta acompanhada do verbo com o pronome enclítico e quais as condições em que ela aparece seguida do verbo com o pronome proclítico. Ou melhor ainda: examinemos antes de tudo se há ou não uma construção normal e, no caso afirmativo, qual o fator que determina a construção acidental. Se conseguirmos possuir esses dados, teremos também a chave para a investigação da causa pela qual tanto o Português letrado como o homem do povo, que não aprendeu a ler e escrever, empregam, sem saber por quê, o pronome do mesmo modo, ao passo que nós os Brasileiros usamos o pronome diversamente.

III

Se tomarmos como critério o falar lusitano, poderemos aceitar um dos modos de colocar os pronomes *me*, *te*, *se*, *lhe*, *o*, *a*, etc., como construção normal?

Os fatos nos autorizam a opinar pela afirmativa. Realmente, se considerarmos que o complemento por via de regra se coloca depois do verbo, os mencionados pronomes, que nada mais são do que complementos, também devem vir depois do verbo. Logo, do ponto de vista teórico, os pronomes *me*, *te*, *se*, etc., quando pospostos, isto é, quando enclíticos, acham-se na ordem direta ou normal.

Se consultarmos a prática, encontraremos a confirmação desse princípio; tanto assim que naquelas frases simples em que o verbo não é precedido de palavra alguma que possa influir sobre a colocação do pronome encontramos invariavelmente a ênclise. Basta considerarmos o caso mais

simples de todos: quando a oração começa pelo verbo. Aí tanto o literato português como o lusitano mais inculto empregam, sem exceção, o pronome posposto. Ambos dizem igualmente: *dá-me, conhece-me, zanguei-me*, etc. e não: *me dá, me conhece*, etc. Podemos, portanto, estabelecer a seguinte regra: os pronomes pessoais complementos são normalmente enclíticos, isto é, pospõem-se ao verbo e a eles se encostam.

Se a ênclise representa a construção normal, é claro que a próclise significa construção accidental, deslocação do pronome devida a causas cujo estudo nos importa conhecer. Mas quando é que ocorre essa deslocação? Para estudar o fenômeno convenientemente torna-se necessário proceder com método, e não é colecionando sem ordem exemplos de autores de épocas diversas que havemos de chegar ao resultado; porque a língua não se conserva a mesma em todos os tempos. O mais acertado será começar a investigação por uma fase conhecida, isto é, a linguagem hodierna: que, se o fenômeno for devido à pronúncia, mais facilmente se observará no idioma vivo de hoje do que nas obras de autores dos séculos idos, nas quais a linguagem talvez não esteja isenta de afetação.

Para que não influam em nosso espírito os preconceitos gramaticais, tomemos para ponto de partida das nossas operações um dos casos de que menos se ocupam os compêndios, a saber: o infinito precedido de preposição. Que a deslocação aí é fato notável, verifica se pelo quadro que formei, tomando umas cem páginas de cada um dos três escritores A. Herculano, Rebelo da Silva e Camilo Castelo Branco e apontando todos os casos que se me deparavam. Para afastar outras causas perturbadoras limitei a observação aos exemplos de infinito simples (presente) e, relativamente à preposição *de*, excluí os casos em que ela dependia do verbo *haver*. Também não se acham contemplados nesta estatística os exemplos de infinito precedido da preposição *a* por motivos que mais adiante serão explicados.

		Casos de deslocação (próclise)	Casos de colocação normal (ênclise)
PARA	Rebelo	26	-
	Herculano	20	1
	Camilo	18	1
DE	Rebelo	29	1
	Herculano	12	6
	Camilo	17	4
ANTES DE	Rebelo	2	-
	Herculano	1	-
	Camilo	-	1
DEPOIS DE	Rebelo	1	-
	Herculano	1	-
	Camilo	-	1
EM VEZ DE	Rebelo	1	-
	Herculano	3	-
	Camilo	2	-
EM	Rebelo	2	-
	Herculano	-	2
	Camilo	2	-
POR	Rebelo	-	-
	Herculano	-	2
	Camilo	1	1
SEM	Rebelo	10	-
	Herculano	2	-
	Camilo	2	-
ATÉ	Rebelo	-	-
	Herculano	1	-
	Camilo	1	1
Total		154	21

O que quer dizer que, dos 175 exemplos encontrados, os casos de deslocação representam a grande maioria de 88 por cento.

Antes de aventurar qualquer conclusão, pareceu-me razoável estudar determinados exemplos da minoria. Não tardei a reconhecer que aqueles 12 por cento de casos em que se mantinha a colocação normal eram devidos a princípios de eufonia. Assim é que em Herculano lemos: *para meter me às vagas, de segurar-se com ambas as mãos*; frases sem dúvida mais agradáveis de ouvir do que se começassem deste modo: *para me meter, de se segurar*. É sabido que são mais harmoniosos os períodos que acabam por uma sílaba átona do que os terminados por sílaba acentuada; e isto explica-nos o não haver deslocação de pronome complemento nos seguintes trechos da belíssima linguagem do Eurico: *Fiamo-nos em ti, porque não precisavas de trair-nos. Estávamos nas mãos dos soldados de Pelágio, e foi a um aceno teu que eles cessaram de perseguir-nos*.

A eufonia deu também origem à aparente exceção que observamos no infinito precedido da preposição *a*. O concurso dessa preposição com as formas pronominais *o, a, os, as* produz uma linguagem confusa e intolerável ao ouvido, como nestes exemplos: *disposto a a comprar; inclinado a o vender*, etc. A ênclise, a princípio preferida, acabou por fixar-se nos casos em que ocorriam essas formas pronominais. A analogia completou a obra; e a ênclise veio a generalizar-se para todos os casos em que vinha a preposição *a* com infinito e qualquer pronome pessoal complemento. A linguagem literária de Portugal confirma plenamente esta explicação. Ao passo que nas obras seiscentistas ainda são frequentes os exemplos de deslocação com a preposição *a*, nos escritores modernos só mui esporadicamente se encontrará semelhante construção. O que aí se observa constantemente são frases assim: *a fastigar-me, a enfiá-las, a falar-lhe, a causar-me*, etc.

IV

Todo o mundo sabe o que é uma lei física. Em virtude da lei da gravidade, por exemplo, os corpos tendem a cair para o centro da terra; e

quando um objeto, como o balão, a pena, sobe na atmosfera, em vez de descer, ninguém diz que esse objeto constitui uma exceção da lei da gravidade.

O balão cairia exatamente como um pedaço de chumbo se não interferissem outras causas. Se aplicarmos este raciocínio ao que acima observamos relativamente à colocação do pronome junto ao infinito com preposição, seremos levados a acreditar que existe alguma lei em virtude da qual o pronome tende a deslocar-se do seu lugar de complemento; tanto mais quanto as exceções são apenas aparentes e se explicam perfeitamente pela interferência de outras causas, como o caso do balão.

Qual será essa lei? Deve ser de ordem fonética, por isso que o Português analfabeto desloca o pronome sensivelmente nos mesmos casos que o Português letrado, o qual por sua vez não consegue dar-nos com exatidão a regra gramatical. Para um e outro é uma questão de ouvido, como se costuma dizer. Indaguemos, pois, qual a particularidade na pronúncia de uma preposição acompanhada de infinito. A primeira cousa que se observa é o pronunciarem-se ligadas as duas palavras. Não se pode fazer aí essa ligeira pausa que se faz às vezes entre outras palavras. Será a deslocação devida a semelhante fenómeno? Se assim for, ela deve aparecer regularmente também nos outros casos em que o verbo é precedido de qualquer palavra que se pronuncie ligada a ele. Vejamos:

Entre o pronome relativo (bem como o pronome interrogativo) e o verbo o Português não faz pausa. Aí emprega também o pronome deslocado. Depois de negação que modifique imediatamente o verbo seguinte, há pronúncia ligada. Coincide este fato igualmente com a deslocação do pronome para antes do verbo. O mesmo se observa em geral com as conjunções subordinativas. Depois de advérbio ou locução adverbial ora faz-se pausa, ora há pronúncia ligada; também aí se observa ora pronome enclítico no seu lugar normal, ora deslocado. A pausa é evidente nos exemplos anteriormente citados para refutação da regra ampliada de Castilho; bastar lembrar os seguintes: *então, pareceu-me ouvir muito ao longe um choro sentido; Cá diz-se que é melhor sermos nós vassallos da coroa... lá faz-se valer o perigo,*

o sacrifício a que nos expomos. Entretanto, em exemplos como: *já se vê, cá me tens*, o advérbio pronuncia-se ligado. Entre o auxiliar *ter* e o particípio passado não se faz pausa, e o pronome, que normalmente deveria vir depois do particípio, desloca-se para antes dele, tornando-se enclítico do auxiliar, e até para antes do auxiliar se este por sua vez for precedido de palavra que a ele se ligue na pronúncia.

Nas formas perifrásticas formadas pelos verbos *ir, vir, estar*, seguidos de gerúndio, onde há pronúncia ligada, observa-se também o pronome complemento entre os dois verbos e não depois do gerúndio: *vai-se...confundindo* (Herc. *Eur.*); *vai-se enfileirando* (Herc. *Monge*); *ia-me esquecendo* (Herc. *Ib.*); *o sol ia-se pondo* (Herc. *Ib.*); ou então para antes do auxiliar, quando este, por seu turno, ligar-se à palavra anterior: *classe média que se ia organizando* (Herc. *Monge*).

Quando antes do verbo se acha um sujeito substantivo, faz-se uma ligeira pausa antes do verbo, conservando-se o pronome enclítico no seu lugar normal, como neste caso: *a misericórdia de Deus valeu-me sempre* (Rebelo da Silva). Por analogia, emprega-se a mesma construção quando o sujeito é pronome pessoal ou demonstrativo: *porque eu voltava-me para o céu* (Herculano); *isto passava-se um dia antes* (Rebelo da Silva). Quando, porém, o sujeito substantivo, pronome pessoal ou demonstrativo, é enfático, pronuncia-se o verbo ligado a ele, e dá-se a deslocação do pronome, como se vê naquele belo exemplo de Herculano: *UMA FEBRE VIOLENTA o alimentava*, com que se pode confrontar a frase com sujeito comum que vem logo em seguida: *este fatal alimento faltou-lhe por fim e expirou*. Como exemplo de pronome servindo de sujeito enfático, e portanto com pronúncia ligada, podemos citar este do mesmo autor: *há entre nós um abismo*: TU o abriste.

Ora, esses fatos todos autorizam-nos a aceitar efetivamente a deslocação do pronome com uma lei fonética, que se pode formular nos seguintes termos: os pronomes pessoais complementos *me, te, se, lhe, o, a*, etc. deslocam-se para antes do verbo quando este é precedido de qualquer palavra que não admite pausa depois de si.

Só em virtude dessa lei fonética e do princípio geral da colocação do complemento é que todos os portugueses colocam semelhantemente os pronomes. É essa a célebre questão de ouvido que o analfabeto lusitano não sabe explicar. É evidente que o fato de pertencer uma palavra a essa ou a aquela categoria não podia determinar essa ou aquela construção. As categorias gramaticais são cousas em que entra muita convenção e de todo ignoradas daquele que não possui algum estudo. Além disso, esse processo de estabelecer preceitos obrigou, como já provei anteriormente, os gramáticos a fazer regras fantásticas bem verdadeira contradição com os fatos, mesmo tomando por critério os escritores que passam por clássicos. Ainda mais, os preceitos, além de errôneos, são incompletos, porque só poderiam servir para alguns casos. Em suma, as regras dos compêndios dão-nos informações em parte fantásticas, em parte deficientes ou vagas, e, no entanto, pretendem passar por dogmas.